A CONCEPÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS DE VIOLÊNCIA

ANDREIA DA CRUZ SANTOS

RESUMO
A violência é um dos eventos mais problemáticos que ocorre nas escolas atualmente. A má administração das instituições escolares podem ser uma das principais causas do desencadeamento do fenômeno da violência escolar, tornando o ambiente escolar hostil e de difícil convivência para os que sofrem com as ocorrências de violência. Assim esta pesquisa visa alertar gestores e docentes sobre a prática de bullying nas instituições escolares, enfatizando a falta de ações preventivas nestes ambientes, apontando ainda, a responsabilidade do gestor como mediador destes conflitos no âmbito escolar como fator determinante da formação de cidadãos. Diante de tais práticas vivenciadas pela comunidade escolar e sociedade, o gestor contemporâneo deve assumir a posição contra a pressão social negativa, por isso, o mesmo deve estar preparado para questões como essa, o gestor deve manifestar com clareza a importância de uma cultura de paz na escola. Mediante essa questão o grande desafio da gestão é a participação de todos os atores para uma possível solução desse problema, para que ambos juntos possam combater a violência dentro do espaço escolar. Portanto cabe ao gestor o papel de conscientizador desses conhecimentos, pois a gestão tem como foco principal a participação e organização do espaço escolar e de seus docentes e discentes, garantindo a todos uma participação direita e inovadora.

Palavras-chave: Violência; Gestão; Bullying; Educação.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa alertar gestores e docentes sobre a prática de bullying nas instituições escolares, enfatizando a falta de ações preventivas nestes ambientes, apontando ainda, a responsabilidade do gestor como mediador destes conflitos no âmbito escolar como fator determinante da formação de cidadãos. Diante de tais práticas vivenciadas pela comunidade escolar e sociedade, o gestor contemporâneo deve assumir a posição contra a pressão social negativa, por isso, o mesmo deve estar preparado para questões como essa, o gestor deve manifestar com clareza a importância de uma cultura de paz na escola.

Falar acerca da violência escolar é algo complexo, pois muitas são suas formas de surgimento, portanto, requer flexibilidade do assunto, visto que para que haja uma formação cotidiana positiva é necessário que atos de violência não passem despercebidos e que a escola seja parceira da família nesta perspectiva.

A escola deve ser organizada de maneira inclusiva, participativa, democrática. Educar no sentido de promover o aprendizado, este sendo o veículo de formação de personalidades e precursor da formação de cidadão. Durante muito tempo a administração escolar se resumia em zelar pelo bom funcionamento da instituição, concebida para distribuir um mínimo de conhecimentos iguais, diferente do que ocorre nos dias atuais, visto que houve muitas transformações no sistema de ensino e no comportamento do ser humano e no papel do gestor na sociedade.

Professores e alunos são seres dotados de sentimentos, ódio, antipatia, medo, timidez, simpatia. As experiências anteriores dos professores se refletem nas atuais, e podem levar a tais conflitos com os alunos e com o corpo escolar como um todo, constituindo uma escola invasiva, de difícil convívio e que formará apenas seres revoltados e preocupados apenas com seus próprios interesses, pois neste tipo de escola não se desenvolve o espírito de grupo e de solidariedade, responsáveis por uma sociedade mais igualitária, então entra em ação o gestor como mediador desses conflitos presente neste meio.

A revisão bibliográfica conceituou o tema, mostrando que a escola deve ser organizada de maneira inclusiva, participativa, democrática. Educar no sentido de promover o aprendizado, este sendo o veículo de formação de personalidades e precursor da formação de cidadão. Durante muito tempo

a administração escolar se resumia em zelar pelo bom funcionamento da instituição, concebida para distribuir um mínimo de conhecimentos iguais, diferente do que ocorre nos dias atuais, visto que houve muitas transformações no sistema de ensino e no comportamento do ser humano e no papel do gestor na sociedade.

PAPEL SOCIAL DA ESCOLA

O papel social da escola é, em sua essência, o de educar. Nela ocorre a socialização e a transformação da criança em adultos. Porém, muitos fatores ainda são de vital importância neste processo, tornando o convívio de educandos e educadores, difícil e muitas vezes conflituoso. Os educadores devem estar cientes que os educandos não necessitam apenas de mediações na construção do saber, mas na resolução de seus conflitos pessoais.

A escola deve ser organizada de maneira inclusiva, participativa, democrática. Educar no sentido de promover o aprendizado, este sendo o veículo de formação de personalidades e precursor da formação de cidadão. Durante muito tempo a administração escolar se resumia em zelar pelo bom funcionamento da instituição, concebida para distribuir um mínimo de conhecimentos iguais, diferente do que ocorre nos dias atuais, visto que houve muitas transformações no sistema de ensino e no comportamento do ser humano e no papel do gestor na sociedade.
Professores e alunos são seres dotados de sentimentos, ódio, antipatia, medo, timidez, simpatia. As experiências anteriores dos professores se refletem nas atuais, e podem levar a tais conflitos com os alunos e com o corpo escolar como um todo, constituindo uma escola invasiva, de difícil convívio e que formará apenas seres revoltados e preocupados apenas com seus próprios interesses, pois neste tipo de escola não se desenvolve o espírito de grupo e de solidariedade, responsáveis por uma sociedade mais igualitária, então entra em ação o gestor como mediador desses conflitos presente neste meio. Para Maturana (1998, p. 29).

Aceitar os comportamentos difíceis dos alunos requer uma capacidade de amor e de aceitação muito grande: É difícil educar para a aceitação e o respeito de si mesmo, que leva a aceitação e o respeito pelo outro. Continua: O professor deve saber interagir com seus alunos num processo em que não os cale ou castigue.

Embora se saiba que este papel não é nada fácil, tanto para o professor como para os gestores que tem uma grande responsabilidade com ambos envolvidos nesse processo de ensino, nesse sentido o trabalho do gestor é fundamental para a aceitação de propostas inovadoras que iram melhor e contribuir no ensino-aprendizagem.
Segundo Beane (2010, p. 20), o bullying é um problema antigo, mas somente a partir de 1970, por meio dos estudos de Dan Olweus, que o problema passou a ser estudado com maior intensidade. O Bullying pode ser definido pelos comportamentos agressivos de entre estudantes, seja física, verbal, moral ou psicológica, que geralmente ocorrem sem motivação e quase sempre os agressores já foram agredidos em algum momento de sua vida, ou são mais fortes do que as vítimas. A palavra Bullying vem do termo inglês e deriva do verbo to bully, que significa ameaçar, intimidar e dominar. Não há uma tradução exata da palavra, mas a expressão resume os comportamentos daqueles que agridem e ameaçam os outros
Para o autor este é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada. Há escolas que não admitem a ocorrência do fenômeno entre seus alunos, ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo.
Beane (2010 p.25) afirma que a escola é o primeiro contato da criança com o âmbito público, sendo um espaço plural por natureza. Justificando-se na agitação da vida moderna, onde as famílias têm um, no máximo dois filhos, sendo deixados em creches e escolas cada vez mais cedo, os pais, indiretamente, transferem a responsabilidade pela educação dos filhos às escolas.

É neste ambiente que crianças e adolescentes entram em contato com um conjunto de

valores diferentes daqueles de sua família. É aqui que em via de regra deverá aprender a viver em sociedade, tendo noções do coletivo, da convivência harmônica e democrática. Para o autor Beane (2010, p. 29), a escola é um lugar onde se busca aprendizado e conhecimento, mas percebemos nos dias de hoje, algumas mudanças no comportamento dos discentes. As violências são fatores determinantes de conflitos, perturbações para as mentes de muitos e consequente evasão escolar, pesando muitas vezes no aprendizado e ainda podendo levar alunos, professores e gestores a tomarem atitudes violentas ou a serem vítimas dela.

Falar acerca da violência escolar é algo complexo, pois muitas são suas formas de surgimento, portanto, requer flexibilidade do assunto, visto que para que haja uma formação cotidiana positiva é necessário que atos de violência não passem despercebidos e que a escola seja parceira da família nesta perspectiva.

A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Diante da realidade que estava sendo percebida no ambiente escolar (no que diz respeito aos conflitos e atos de violência) e a partir das experiências advindas da justiça restaurativa, o Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Educação, deliberou a Resolução SE Nº 19/2010, que cria o Sistema de Proteção Escolar e a função de Professor Mediador Escolar e Comunitário (PMEC), nesse contexto, urge pensarmos no importante papel assumido pelo professor mediador.

Segundo Chrispino (2007, p. 44), desde os tempos mais remotos, o conflito é parte integrante da vida e da atividade social, e se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações. Sendo assim, não se trata de uma noção de certo ou errado, mas de percepções diferentes entre si. A partir desta noção de conflito como advindo das diferentes opiniões e interesses, no âmbito escolar as diferentes opiniões entre alunos e professores, entre alunos, e entre professores, por si só também já são causas objetivas de conflitos. Aliado a isso, conforme nos pontua este autor, outros fatores como dificuldade de comunicação, de assertividade das pessoas e de condições para estabelecer um diálogo adequado também se configuram como causa de conflitos. Portanto, sendo a escola um ambiente que reúne alunos diferentes, com pensamentos, valores e culturas diferentes, ela é o principal lugar em que certamente o conflito irá se instalar. E, sendo inevitável, conforme nos afirma Chrispino, "devemos aprender o ofício da mediação de conflito para que esta técnica se aprimore facultando a cultura da mediação de conflito" (ibid, p. 22).

De acordo com o Instituto Mediare do Rio de Janeiro, a mediação de conflitos pode ser definida como "um processo não adversarial, confidencial e voluntário, no qual um terceiro imparcial facilita a negociação entre duas ou mais partes, onde um acordo mutuamente aceitável poderá ser um dos desenlaces possíveis" (1998, p. 06 apud SOUSA; SILVA, 2006). Dessa forma, torna-se imprescindível o exercício da imparcialidade, do diálogo e do consenso na resolução dos conflitos.

Ortega (2002, p. 76) assinala ainda a importância, na mediação de conflitos, do reconhecimento da responsabilidade individual de cada um dos envolvidos e o acordo sobre quais as ações que serão tomadas para eliminar a situação crítica com o menor risco de ocasionar danos psicológicos, sociais ou morais para ambos os protagonistas e as consequências em relação aos outros atores envolvidos no processo. Salienta-se que, mais que isso, o gestor deve estar atento e disponível para a escuta, agindo também, e principalmente, de forma a prevenir situações em torno dos diversos tipos de violência.

Ao falar sobre a função de "mediador", Lascoux (2006 apud MENEZES, FERRI, 2013, p. 101) afirma que, por tratar a mediação um ato de compreender uma mensagem que tem algo a transmitir, esta é portadora de uma dimensão pedagógica, e que implica qualidade de "porta voz" por parte do professor mediador.

Chrispino (2007, p. 78), também ao falar sobre o mediador, descreve sobre o papel imparcial de quem assume esta função, que presta assistência em uma situação de conflito, levantando as questões que o origina-

ram, objetivando desenvolver ações, discutir sobre as alternativas possíveis diante dele e chegar a um acordo mutuamente aceitável.
No entanto, como alertam Morgado e Oliveira (2009, p. 99), a eficácia de um projeto de mediação na escola depende do envolvimento de todos os atores do contexto escolar. A escola deve propiciar um contexto de significação que vá ao encontro do projeto de mediação, ou seja, é necessário não apenas sensibilizar as crianças e os adolescentes para esta cultura de diálogo, escuta e pacificação das relações interpessoais, mas principalmente que o corpo docente também esteja agindo dentro desta lógica.

VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A violência no ambiente escolar é um tema que tem sido objeto de estudo de muitos autores e que vem ganhando espaço em vários setores da sociedade (incluindo a mídia).
Nesse sentido, é de importância apontar que, segundo Velho (2000, p. 38), a violência não se limita apenas ao uso da força física, mas também à possibilidade ou ameaça de usá-la, constituindo-se em uma dimensão fundamental de sua natureza, e que está associada a uma ideia de poder, quando se enfatiza a possibilidade de imposição de vontade, desejo ou projeto de um ator sobre o outro.
Salles e Silva (2010, p. 44) também nos falam sobre isso, afirmando que a violência não acontece somente com agressões físicas, mas também de outras maneiras como: preconceito, ameaças, metáforas, intimidações verbais, desenhos etc. Aliado a isto, também escrevem sobre o crescente aumento da violência, na percepção dos professores, não somente do ponto de vista quantitativo como também do qualitativo, classificando o desrespeito como uma constante no meio escolar, e indicando que a violência na escola pública está cada vez mais banalizada, provocando inclusive que vários atos deixem de serem percebidos como violentos.
Conforme estudo realizado por Sposito (2001, p. 89), os registros de violência que atingem alunos, professores e funcionários, são maiores nas escolas públicas, em comparação com a rede privada, e nas oitavas séries do ensino fundamental e no ensino médio. A pesquisa realizada por ele, ainda destaca o medo gerado e o constante afastamento dos professores com problemas de saúde, uma vez que, as manifestações de violência, passaram a surgir não somente como vandalismo, mas cada vez mais, em forma de agressões interpessoais. Além disso, também cita o acionamento da polícia nesses momentos de conflitos, o que acaba afetando a qualidade da interação.
Para Salles e Silva (2010, p. 87), os estudos sobre clima escolar têm também destacado que a diminuição dos atos violentos nas escolas passa por uma postura firme e pelo esforço na realização das atividades didáticas do corpo docente, pelo compromisso dos professores com o seu trabalho e pelo tratamento não diferenciado entre os alunos de melhores e piores rendimentos escolares. Relacionam também como variável que influencia o clima escolar, a questão do interesse dos alunos pela escola e pelas tarefas escolares, havendo indícios de que quanto maior a perspectiva que o estudante vê para desenvolver-se na escola menos atos violentos ele irá cometer.
Neste mesmo pensamento, Sposito (2001, p. 57) aponta que estes atos no ambiente escolar sinalizariam um conjunto de insatisfações manifestadas pelos alunos diante da dinâmica na experiência escolar e, ao mesmo tempo, as dificuldades de as escolas criarem possibilidades para que tais condutas assumam uma forma de conflito capaz de ser gerido no âmbito da convivência democrática.
Seguindo esta direção, vários autores citam a perda da crença na legitimidade da escola como um fator desencadeador de violência no ambiente escolar. Atualmente os alunos não parecem estar percebendo os conhecimentos que a escola administra, bem como seus diplomas, como suficientes para lhes possibilitar uma ascensão social, que os coloque em situações financeiras melhores que a dos seus pais, por exemplo, gerando uma sensação de ausência de sentidos e de uma certa imposição arbitrária das normas e atividades escolares.
Diante de sua complexidade, a questão da indisciplina e/ou violência no ambiente escolar requer a participação efetiva de todos

os atores envolvidos, tais como professores, alunos, gestores, comunidades escolar, família e sociedade. É na idade escolar que crianças e jovens buscam novos modelos para sua identidade adulta, estando vulneráveis às influências do meio sejam elas construtivas ou destrutivas. Em conformidade isso, o aumento cada vez maior nos índices dos vários tipos de violência, torna as jovens vítimas e agentes ao mesmo tempo (ROSA, 2010, p. 49).

O GESTOR COMO MEDIADOR DE CONFLITOS

O gestor líder de sua escola deve lutar por uma gestão compartilhada envolvendo professores, alunos funcionários e pais de alunos, para comunicação mais acolhedora e dinâmica na escola, envolvendo a todos num processo de mudança e participação nas responsabilidades nas múltiplas áreas de atuação da escola, onde todos os envolvidos neste processo possam propor soluções para os diversos problemas que surgem, claro que sempre no intuito de atingir os objetivos da organização, estimulando-os a proatividade. (LUCK, 2009, p. 77).

De acordo com OLIVEIRA (2005, p. 29), existem vários modelos de gestão que partem de duas dimensões, uma se refere a uma dimensão pessoal, quando o que está em jogo é o interesse próprio identificado como assertivo e outra a dimensão coletiva onde o interesse de todos ou da maioria é o que predomina, identificado como cooperativo.

A mídia influencia muito o fenômeno da violência. Em alguns lugares assumiu, realmente proporções gigantescas. As respostas a este fenômeno têm se mostrado múltiplas e diversas, abrangendo uma gama de medidas, nos mais diversos níveis: individual, comunitário e governamental. As pessoas se armam e cercam as casas, as comunidades fazem passeatas pedindo paz e o governo procura políticas públicas para coibir atos de violência. O tema da segurança é incluído na agenda do dia de muitos organismos e grupos. Porém, poucas iniciativas procuram ver a violência como um fenômeno social "criado" pelo tipo de sociedade existente.

Por isso, acredita-se que o papel do gestor é fundamental e indispensável para amenizar esse fenômeno que acaba impregnando todo o tecido social. A violência escolar é um fator que tem se tornado estudo em vários lugares do mundo, pois as escolas e sociedade precisa rever essa situação, para que assim o ensino seja igual a todos e o indivíduo seja mais cidadão. (ZAGURY, 2002, p. 55).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo programa que se proponha a envolver grande número de variáveis, como é o caso das escolas, deve ter o cuidado de trabalhar a partir de generalizações. Como uma unidade formadora de personalidades e que abriga os mais diversos indivíduos, de origens variadas, com situações financeiras, de moradia, alimentação e culturas diferentes, ela deve ser moldada para que sempre possa tornar todos os diferentes em iguais. Ela deve se adaptar a cada realidade. Com um programa de mediação de conflito escolar não será diferente.

. O que se pôde concluir é que, precisamente, a mediação de conflitos na escola é uma técnica que, no mínimo, inibe o surgimento e o acontecimento da violência escolar, e mais: a mediação de conflitos permite transformar os mesmos conflitos em oportunidades de crescimento, aperfeiçoamento, amadurecimento, e assim por diante, por parte dos diretamente envolvidos no conflito. É com esta perspectiva que também se pode afirmar, então, que o conflito não é algo evidentemente ruim, ou seja, não é algo necessariamente negativo e prejudicial às partes que conflitam.

No entanto, é preciso compreender que o ato de mediar não é algo simples, e requer conhecimentos e técnicas relacionado ao assunto de mediação, como por exemplo: o mediador de conflitos deve desenvolver a técnica da escuta ativa, deve desenvolver a arte do diálogo, etc., como também precisa ter um comportamento ético, uma vez que o mediador de conflitos atuará como uma espécie de confidente para aqueles que estão sob a sua tutela na tarefa de mediar.

Levando-se em consideração que os conflitos sempre existirão, pois se trata de relações humanas, deve-se incentivar a prática do diálogo e potencializar a realização de ações socialmente aceitáveis na resolução dos mesmos. Deve-se ainda compreender

estas situações como momentos de aprendizagem, fazendo uma leitura de o quê estes implicitamente querem dizer.

Sendo assim, sugere-se o levantamento das temáticas geradoras de conflitos, para que possam ser trabalhadas no ambiente escolar. Nessa perspectiva, acredita-se que projetos voltados ao fortalecimento do protagonismo juvenil (grêmio escolar, assembleias, conselho de escola etc.), do vínculo entre professores e alunos, da participação da comunidade, da família e da rede de atendimento de saúde e psicossocial. No entanto, é de importância salientar que estas ações precisam ser pensadas de forma horizontal, a fim de estimular a participação e a reflexão dos alunos, em conjunto com a equipe gestora e os professores, melhorando a autoestima e o senso de responsabilização dos mesmos.

Cabe a nós, gestores e educadores, preparar o terreno, regando constantemente para que essa semente germine.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. In: Psicologia & Sociedade, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.

BEANE, Allan. Proteja seu filho do bullying. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. In: Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 15, n. 54, p. 11-28, 2007.

LÜCK, H. Dimensões da Gestão Escolar e suas Competências. 2. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009. v. 1. 143 p.

MATURANA, H. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1998.

MENEZES, E. C. A.; FERRI, L. M. G. C. Mediação de conflitos nas escolas e a atuação do professor mediador escolar e comunitário. In: Colloquium Humanarum, v. 10, n. Especial, p. 1021-1031, Jul–Dez. 2013.

MORGADO, Catarina; OLIVEIRA, Isabel. Mediação em contexto escolar: transformar o conflito em oportunidade. In: Exedra, v. 1, jun. 2009.

ORTEGA, Rosário et al. Estratégias educativas para prevenção das violências; tradução de Joaquim Ozório – Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

ROSA, Maria José Araújo. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. In: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8|jul-dez de 2010.

SALLES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. In: Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 2, p. 217-232, 2010.

SOUSA, Maria das Graças Mendes; SILVA, Vívian Farias. Mediação de conflitos na escola. Taguatinga-DF, ago. 2006. Disponível em: <www.ucb.br/sites/100/127/documentos/artigo8.doc>. Acesso em 04 nov. 2024.

SPÓSITO, M. P. Um Breve Balanço da Pesquisa sobre Violência Escolar no Brasil. In: Revista Educação e Pesquisa, nº 27, nº 1 São Paulo 2001. 87 – 103 p.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). Cidadania e violência. 2. ed. Rio de Janeiro: Editoras UFRJ/FGV, 2000. p. 11-25.

ZAGURY, Tânia. Encurtando a adolescência: orientação para pais e educadores. Rio de Janeiro: Record, 2002.